

Design Inteligente e Ancestralidade Comum

Por **Ann Gauger**

O leitor Colin C. pergunta:

Eu só estava me perguntando por que alguns bolsistas do Discovery acreditam em DI, mas ainda mantêm a ancestralidade comum. A ciência sabe que o código genético não é universal. Organismos diferentes usam códigos genéticos diferentes. Parece que esse fato iria refutar a ancestralidade comum. Eu li os livros de Michael Behe ??e ele nunca fala sobre isso. Até Dawkins mencionou isso em *The Greatest Show on Earth* . Eu apreciaria uma resposta. Obrigado.

Resposta

Caro Colin,

Obrigado por escrever. Sua pergunta sobre ancestralidade comum é comum entre nossos leitores, então tentarei explicar alguns dos problemas em uma resposta curta aqui. O que eu não farei é entrar em todas as evidências a favor e contra a ancestralidade comum. Isso exigiria um tratamento de tamanho de livro.

Preciso deixar claro que os seres vivos podem ser o produto tanto do design inteligente quanto da ancestralidade comum. Se o projetista optou por guiar o processo de mudança gradual de espécie para espécie, isso seria ancestralidade comum e design inteligente. Em outras palavras, a teoria do design inteligente não exige que a ancestralidade comum seja falsa. O design inteligente também não exige que a ancestralidade comum seja verdadeira. Tudo o que a Teoria do Design Inteligente (TDI) diz é que a melhor explicação para o que vemos no universo, e mais particularmente na vida, é a inteligência - que a inteligência deve estar envolvida na produção das coisas vivas que vemos ao nosso redor. O neodarwinismo ou qualquer outro processo estritamente materialista não poderia criar a diversidade, a complexidade e o esplendor que observamos. Os mecanismos de mutação e seleção natural não são suficientes.

Essa é a chave para a Teoria do Design Inteligente. Não se trata de saber se a vida evoluiu de um

ou até vários ancestrais comuns. É sobre se a vida exigiu design inteligente em sua origem ou diversificação.

Você afirma que o código genético não é universal, que existem diferenças no código entre os diferentes grupos de organismos. Esta é uma afirmação verdadeira - no entanto, as diferenças não são enormes. Não é como se fossem códigos únicos completamente separados. É possível usar a similaridade dos códigos como um argumento para a ancestralidade comum. Ao mesmo tempo, as diferenças de código argumentam contra a ancestralidade comum, porque qualquer alteração em um código será prejudicial. Mas isso não refuta a ancestralidade comum e aqui está o porquê. Existem dois tipos de ancestralidade comum - existe uma ancestralidade comum universal, significando que todas as criaturas vêm de um único ancestral comum, e há apenas a ancestralidade comum, o que significa que alguma linhagem de criaturas compartilha um ancestral comum. Nesse sentido, todas as criaturas têm um ancestral comum que compartilham com outros membros de sua espécie, ou talvez gênero ou família. Pode ser que outros grupos, pequenos ou grandes, possam compartilhar ancestrais comuns, mas isso não significa que todos vieram de um último ancestral comum universal, o LUCA.

Alguns proponentes da DI aceitam a ancestralidade comum, com a ressalva de que o processo precisaria de orientação. Alguns não aceitam ascendência comum nem no sentido restrito nem no sentido universal. Eu diria que muitos não aceitam a ancestralidade comum **universal**, mas eu não acho que uma pesquisa já tenha sido feita. Deixe-me reiterar, no entanto, que não é uma questão crítica para o design inteligente. A verdade do design inteligente não repousa sobre se somos descendentes de um ou vários ancestrais comuns.

Nós não somos desonestos ou "enroladores prolixos". Só se trata de que a ancestralidade comum não é descartada automaticamente pelo design inteligente. O design poderia empregar a ancestralidade comum se quisesse. Agora, eu acrescentaria que, na minha opinião, há evidências sólidas de que o design provavelmente empregou ancestralidade comum e design inteligente. No entanto, não tenho tempo para escrever sobre toda a ciência que envolve a questão da ancestralidade comum. Então vou ter que deixar em aberto. Há vários capítulos no livro *Theistic Evolution: Uma crítica científica, filosófica e teológica* que discute este tópico, e Jonathan Wells também faz em seu livro *Zombie Science*.

Original: Ann Gauger. [Intelligent Design and Common Descent](#). November 1, 2018.

Imagem: Darwin's Tree (1837), um esboço de seu primeiro caderno sobre a *transmutação* de espécies, via **Wikimedia Commons** .